



## PROJETO INTERSEÇÕES: UM DIÁLOGO ENTRE A GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA

Gabriela Barbosa Martins <sup>(a)</sup>, Isaac Silva Albuquerque <sup>(b)</sup>, Victor Azevedo Lopes da  
Silva <sup>(c)</sup>

(a) Departamento de Geografia e Meio Ambiente, PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, gabriela.b.martins13@gmail.com

(b) Departamento de Geografia e Meio Ambiente, PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, victorazevedo@gmail.com

(c) Departamento de Geografia e Meio Ambiente, PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, isaac.albuquerque@hotmail.com

### EIXO 7: GEOGRAFIA FÍSICA - CURRÍCULO, FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE ENSINO

#### Resumo

Este trabalho visa suprir algumas demandas sobre o ensino e a prática de geografia, sobretudo, física, no sentido de fazer uma correlação entre a geografia que é considerada humana e a geografia física. Diante disso iremos explicitar a partir do projeto do PIBID de geografia da PUC-RIO como algumas práticas podem ser colocadas na escola de maneira lúdica através de maquetes e elaboração de croquis.

**Palavras Chaves:** Ensino; Geografia Física; Maquete; Croqui; Sustentabilidade

#### 1. Resumo Expandido

Este trabalho traz em si um formato de questionamento, direcionando também nossos olhares para como elaborar na prática científica formas que instigam o aluno e tragam-no mais próximo da sala de aula e que ele possa resolver ou se perguntar sobre situações problemas, alguns questionamentos aqui foram feitos ao longo de nossa formação como futuros docentes, e acreditamos que todos os professores de geografia devem fazer tais questões em seu dia-a-dia para que possam desenvolver seus alunos um pensamento crítico e tornar o ensino algo interativo e participativo. Para que esse ensejo seja direcionado de maneira eficaz, optamos por trabalhar com projetos, ou seja, a ideia do nosso trabalho é fazer com que ele seja útil para o docente, ou até mesmo uma válvula de escape para algumas aspirações do cotidiano em sala de aula.

Mas antes de entrar efetivamente no que tange o escopo do projeto, vamos levantar questionamentos que nortearam a nossa busca por um ensino de geografia num formato mais agregado. Podemos, inclusive, trazer Lana Cavalcanti, com seu texto, “A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas”, no qual ela traz questões que são interessantes o docente se fazer antes de adentrar em sala de aula, por exemplo, “Que questões permanentes são específicas do professor de Geografia? Como ele concebe seu trabalho e o



papel social que exerce? ”. O professor de geografia sempre busca formas novas de interagir com a realidade do ano, como a própria autora traz que, alguns professores *“pautam seu trabalho pelo desejo permanente de promover a aprendizagem significativa dos conteúdos que ensinam, envolvendo seus alunos e articulando intencionalmente seus projetos profissionais a projetos sociais mais amplos”*. Isso nos induz o tremendo esforço que é ser um profissional da educação e como é intensa a busca por uma forma de ensino que seja significativa para o aluno, pois não se basta ter apenas o referencial teórico, é necessário que este referencial seja interessante para o aluno. Pois, será que a informação se acaba na escola? Por haver uma busca recorrente por novas formas de ensinar, e, isto permear, de maneira significativa no meio docente, trazemos algumas possíveis inseguranças que alguns podem ter em relação ao conteúdo, no que se referêcia o papel do projeto, pois o próprio professor passa a dar um valor incontestável para a prática de tal, o que, por conseguinte acaba a negar qualquer atividade que tenha caráter conteudista ou disciplinar. De antemão, antecipamos que essa visão é equivocada, pois a interdisciplinaridade, que pode vir em conjunto com o projeto, se dá sem que haja perda da identidade das disciplinas. Com isso, Almeida (2002, p. 58) corrobora com essas ideias destacando: *“(...) que o projeto rompe com as fronteiras disciplinares, tornando-as permeáveis na ação de articular diferentes áreas de conhecimento, mobilizadas na investigação de problemáticas e situações da realidade. Isso não significa abandonar as disciplinas, mas integrá-las no desenvolvimento das investigações, aprofundando-as verticalmente em sua própria identidade, ao mesmo tempo, que estabelecem articulações horizontais numa relação de reciprocidade entre elas, a qual tem como pano de fundo a unicidade do conhecimento em construção”*.

Desta forma, elucubramos este projeto sobre geografia física de acordo com um estudo realizado a partir do PCN do ciclo básico, ou seja, das séries do nível fundamental 6º ao 9º ano, afim de suprir uma necessidade de uma maior representação da geografia física dentro da escola, leia-se esta como análise dos espaços naturais (geologia, geomorfologia, hidrologia, climatologia entre outros) na qual será abordada de acordo com a grade curricular de cada série e estruturada com a possibilidade de diálogo com a realidade do alunato. Idealizamos a confecção deste projeto na Escola Municipal George Pfisterer, localizada no bairro da Gávea no Rio de Janeiro. Escola que o PIBID (Projeto de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) de Geografia da PUC Rio faz parte. Aqui serão apresentados de maneira didática temas que fazem parte do currículo de geografia, e que podem fazer uma ponte com assuntos cotidianos que englobam a geografia tanto física quanto a humana. Tendo como pressuposto o objetivo de se estudar geografia em sua multiescalaridade, segundo o PCN, citado abaixo.

“A Geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das



sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem. Na busca dessa abordagem relacional, trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição, para identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação”. Diante isto, traremos esta produção, como um esforço de aplicar a dita geografia física relacionando-a com a geografia humana e denominaremos este trabalho como *Projeto Interseção: Um diálogo entre a geografia física e humana*, tendo como objetivo equalizar os saberes da geografia, fazendo um diálogo com a realidade dos alunos e com a sua grade curricular, juntando temas que permeiam a fragmentação da ciência geográfica, entre física e humana, na escola. Trabalhando atividades motoras e cognitivas (como por exemplo confecção de maquetes) dos alunos, fazendo com que eles adquiram habilidades e competências afim de discernir sobre o espaço e suas relações.

A metodologia que aplicaremos será direcionada a partir das atividades que serão separadas de acordo com as séries iniciais e as finais do ensino fundamental. No 6º ano será feita realização de croquis do trajeto casa/escola – nesta atividade o aluno deverá realizar croquis dentro de seu trajeto casa/escola descrevendo, em um cartaz, aspectos físicos e ícones representativos do traçado (shoppings, bancos, universidades e etc). Esta atividade será dividida em duas etapas, sendo a primeira um mapa descritivo e individual, e a segunda será realizada diretamente com os professores e os bolsistas em uma junção dos aspectos analisados pelos alunos. Em suma, a metodologia aplicada será de forma descritiva a partir de uma observação de elementos da paisagem elencando características naturais e “humanizadas”, tendo como finalidade a elaboração dos croquis propostos acima, como objetivo de entender as dinâmicas da paisagem. Pensando no ano final, podemos nos remeter a ideia de sustentabilidade, já que, praticamente, no nono ano se estuda o mundo, elucubramos uma solução que pudesse sobrepor estes conhecimentos de maneira que seja uníssona. Iremos embasar os alunos a partir de um diálogo de desenvolvimento sustentável e extrativismo. Exemplo, no Brasil sabemos que a extração de madeira é caracterizada legal, que é de forma sustentável, e também é incentivada por grandes empresas de maneira ilegal, segundo o artigo “Extração de madeira” do site do WWF, então, diante disto, como causa de exemplo, poderíamos lançar o desafio da tentativa de elucidção de tais questões. Como seria o Brasil sem determinada cobertura vegetal, ou como podemos entender o fenômeno de ocupação das favelas, a partir da geografia física. O que vislumbramos aplicar nesta série é o método comparativo visual <sup>1</sup>(comparação por fotos de espaços com



ambientes antes e depois de certos acontecimentos, que mostrem diferenças radicais que alteraram estes) de cenários que os façam perceber a importância social, ambiental, cultural e econômico da preservação daquele recorte. Entre outras questões que podem ser levantadas. Contudo a ideia proposta para o 9º ano é a confecção de maquetes que tragam em seu gene esta questão de sustentabilidade e quiçá de ocupação.

O tempo será necessário 1 bimestre para a realização do projeto. Colocando como público alvo: alunos da escola municipal George Pfisterer e suas percepções. E por que trabalhar especificamente com maquetes e mapas? Rose Mari Durigan Luz e Sandro José Briski tentam em seu trabalho, “Aplicação didática para o ensino da geografia física através da construção e utilização de maquetes interativas”, nos responder esta questão, que, primeiramente, “a utilização de maquetes pode permitir ao educando, ao fazer uma análise geográfica, interpretar o relevo, descrever suas formas, entender o porquê dessas formas, bem como a transformação no decorrer do tempo, entendendo os problemas e as dinâmicas sociais e relacionar tudo isso com a sua realidade”. Em suma, no que tange as maquetes, entendemos que a realização e confecção delas, ajudam o discente despertar o interesse cognitivo, fazendo ainda com que o professor, não tenha a função de “professar o conhecimento”, que é incorporado na etimologia da palavra professor, que deve atuar na mediação didática, ou seja, deve investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana. Já no caso, devemos trabalhar, principalmente no primeiro ano do segundo ciclo do ensino fundamental e no último, pois respectivamente se trata do começo do aluno a realizar uma leitura sobre o mundo, e por enxergarmos que mapas são pouco trabalhados no último ano do ciclo fundamental 2. E já que aqui trabalharemos noções de descrição, e habilidades que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) têm na Cartografia – compreendida “como Instrumento na aproximação dos lugares e do mundo” - o eixo no 3º ciclo. O objetivo básico da alfabetização cartográfica proposta pelos PCNs supõe o desenvolvimento das noções de: orientação; bidimensionalidade; visão lateral e afins. E isso feito por mapas elaborados por eles mudaria alguns paradigmas.

Para concluir, o objetivo específico deste trabalho é trazer uma nova abordagem de ensino e aprendizado no que tange a geografia física e seus valores relacionados. Pensando entender que os alunos podem também produzir o formato de conhecimento que seria transmitido, logo ocorrendo uma troca de conhecimento entre os mesmos e, inclusive, com o professor. Como resultados esperados estima-se que os alunos desenvolvam a habilidade de discernir sobre os processos ocorrentes das complexas atividades do espaço geográfico e da observação da paisagem na realidade em que se encontram.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, MEB de. Como se trabalha com projetos (Entrevista). Revista TV escola, 2002.

CAVALCANTI, L. de S. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. I Seminário Nacional: Currículo em Movimento-Perspectivas Atuais. Belo Horizonte. Anais do Seminário, 2010.

DE OLIVEIRA, Ana Keyla Pereira; WANKLER, Fábio Luiz. ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NA ESCOLA: uma leitura feita através dos mapas. ACTA GEOGRÁFICA, v. 2, n. 4, p. 57-65, 2010.

LIMA, Francisco de Assis Fernandes; DA COSTA, Franklin Roberto. A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 16, n. 2, p. 105-116, 2012.

LUZ, Rose Mari Durigan; BRISKI, Sandro José. Aplicação Didática para o Ensino da Geografia Física Através da Construção e Utilização de Maquetes Interativas. ENPEG-10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia... Anais, 2009.

NACIONAIS, INTRODUÇÃO AOS PARÂMETROS CURRICULARES. terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC-Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

PANIZZA, Janaina Fuentes. Metodologia e processo criativo em projetos de comunicação visual. 2004. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

WWF, AMEAÇAS DE RISCO DA AMAZÔNIA  
[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/areas\\_prioritarias/amazonia1/ameacas\\_riscos\\_amazonia/desm\\_atamento\\_na\\_amazonia/extracao\\_de\\_madeira\\_na\\_amazonia/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/ameacas_riscos_amazonia/desm_atamento_na_amazonia/extracao_de_madeira_na_amazonia/)  
Último acesso 10/04/2017